

Mensagem ao Povo de Deus

Sínodo dos Bispos sobre a catequese nos nossos tempos 1977

Introdução

1. Chegados ao fim desta quarta assembleia-geral do Sínodo dos Bispos, convocada pelo Papa Paulo VI para tratar da catequese no nosso tempo, com especial referência à catequese das crianças e dos jovens, nós, os Bispos, queremos dirigir-vos a presente mensagem para vos comunicar as principais conclusões do nosso trabalho. Endereçamo-la a vós, que nas diversas regiões do mundo pertenceis ao Povo de Deus confiado ao nosso encargo pastoral, e a todos a quem interessam a actividade e a responsabilidade da Igreja na sociedade humana.

Considerando as condições de vida do nosso tempo, perturbado e em plena crise, mas simultaneamente tão disponível ao dom da graça, e após se ter estudado o Sínodo de 1974 o tema da Evangelização, nada pareceu mais útil à Igreja guiada pelo Papa do que continuar agora a reflexão sinodal no mesmo sentido. Trata-se presentemente do estudo daquela actividade da Igreja que, postulada pela difusão via e activa da Palavra de Deus e pelo conhecimento cada vez mais profundo da Pessoa e da Mensagem de Salvação de Nosso Senhor Jesus Cristo, consiste na ordenada e progressiva educação da fé ligada ao processo contínuo de aprofundamento da mesma fé, a que chamamos catequese.

Sempre em referência à Palavra de Deus, perscrutámos os sinais dos tempos que convidam à renovação da catequese e ao relevo que se lhe deve atribuir na actividade pastoral, tanto mais que, quase por toda a parte, a vigorosa vitalidade da acção catequética da Igreja tem contribuindo fortemente para a renovação da comunidade eclesial. Não ignorávamos o desejo e a fome de alimento espiritual e de formação na fé, sobretudo das gerações novas, as quais, querendo assumir as suas obrigações e contribuir para a construção de uma sociedade justa, se esforçam por penetrar mais profundamente no conhecimento do Mistério de Deus. Éramos também interpelados pelas diferentes formas de cultura que pretendem melhorar a condição humana, embora nem sempre em consonância com o Evangelho. Tínhamos ainda consciência de que alguns cristãos tendem a descurar a responsabilidade comum no aprofundamento da sua fé ou a não apresentar correctamente a mensagem revelada, como é sua obrigação. Não ignorávamos as dificuldades que prejudicam a acção catequética em certas regiões do mundo, derivadas de novos obstáculos levantados por forças adversas ao anúncio da fé a todas as nações, conforme a missão recebida de Cristo.

Preocupamos por esta situação de vida das crianças e dos jovens quem recairá amanhã o peso da edificação de um mundo novo, atribuímos-lhes uma atenção especial, auscultando cuidadosamente as suas interpelações.

É manifesta a relação entre o nosso tema e o problema da educação entre o nosso tema e o problema da educação no mundo contemporâneo. Estamos persuadidos de que a pedagogia de Deus, que transparece na história da salvação, também hoje há-de contribuir para a solução deste problema em proveito da humanidade inteira.

Após uma longa e minuciosa preparação, precedida de consulta a todas as Igrejas particulares, os trabalhos do Sínodo desenvolveram-se e concluíram-se na presença do Papa. Apresentámos a Sua Santidade algumas proposições, com o voto de que, em tempo oportuno, ofereça à Igreja universal um documento semelhante à Exortação Apostólica «*Evangelii Nuntiandi*», como fez depois do Sínodo de 1974. No fim destes trabalhos e com a aprovação devida, queremos revelar-vos os nossos próprios sentimentos e partilhar convosco a nossa reflexão sobre alguns problemas mais urgentes.

I Parte

O mundo, os Jovens e a Catequese (Realismos perante a situação)

As mudanças radicais do mundo actual

2. O Sínodo, enquanto acontecimento da nossa época, não podia ignorar a situação concreta do mundo actual. Os Bispos são testemunhas e particulares da esperança, das tensões e das frustrações (cf. **Gaudium et Spes**, n.º 1) que afectam os homens de hoje. Em todas as nações, seja qual for o seu sistema social ou tradição cultural, os homens e as mulheres movimentam-se, lutam e trabalham para o bem comum e a construção de um mundo novo. Com frequência, os antigos sistemas de valores não são aceites ou até desaparecem. As seguranças humanas são ameaçadas pela violência, pela opressão e pelo desprezo da pessoa. A experiência de alguns demonstra que é insuficiente a esperança posta as ideologias e na técnica.

Por ente tantos conflitos de ideias e tanta confusão de sistemas, volta a emergir uma nova procura de Deus, descobrem-se no coração inquieto e simultaneamente aparece um novo sentido dos valores relativos à dignidade da pessoa humana.

Os problemas dos jovens

3. As novas gerações tomaram consciência de si mesmas. Pelo seu número, pelas suas qualidades e pela esperança em ordem ao futuro, são de grande importância para a humanidade. As tendências da sociedade actual encontram-se um eco particularmente forte nestas gerações. Elas exprimem com vigor a ruptura, consequência das mudanças sociais. Frequentemente os jovens pagam o preço dos erros e das faltas dos adultos. A cada passo são vítimas das manobras de falsos condutores que lhes exploram a generosidade e a magnanimidade.

Toda a actividade educativa deve partir das aspirações dos jovens à criatividade, à justiça, à liberdade e à verdade. Deve também corresponder às suas aspirações de corresponsabilidade na vida eclesial e cívica e à sua inclinação para amar a Deus e ao próximo. Com efeito, a catequese é uma actividade eclesial dirigida a este mundo e sobretudo às novas gerações, para que a vida de Cristo transforme a vida dos jovens e a realize em plenitude.

A vitalidade da catequese e algumas dificuldades externas

4. Os Padres do Sínodo examinaram os numerosos e relevantes sinais que, um pouco por toda a parte e sobretudo entre as gerações novas, manifestam um certo vigor da actividade catequética, apesar de algumas dificuldades reais mais existentes. De facto, está já em curso uma maravilhosa variedade de iniciativas em muitíssimos lugares, de tal modo que, nestes últimos, a catequese já constitui terreno principal e fecundo de renovação da comunidade eclesial.

Mas os Padres Sinodais também examinaram as dificuldades que se levantam à actividade catequética. Muito se exige dos catequistas e, por vezes, em condições particularmente com realismo estas condições frequentemente novas:

— A evolução da sociedade em numerosos países leva ao desaparecimento das tradições religiosas. Muitas crianças e jovens quase têm oportunidade de encontrar a Igreja no seu caminho. Em muitos casos, o catequista enfrenta a indiferença e a rejeição. Com frequência as novas maneiras de viver e de pensar já não são cristãs. Parte dos que receberam o baptismo só raramente, ou até nunca, têm oportunidade de ouvir a mensagem evangélica. Isto poderá constituir muitas vezes um obstáculo, mas é sobretudo um verdadeiro desafio, pois a catequese deve dirigir-se precisamente àquelas crianças, àqueles jovens e adultos que vivem neste mundo concreto, tal como é, e no qual a Igreja tem por dever proclamar a Palavra de salvação;

— Em muitos países a missão de catequizar não se pode exercer livremente. Há países em que de modo intolerável se limita ou até se suprime o exercício dos direitos fundamentais do homem, entre os quais se conta o direito à liberdade religiosa. Nestes países as declarações relativas ao respeito pela liberdade religiosa são meramente formais, já que não existe nem verdadeira liberdade que permita à Igreja imbuir a vida de espírito verdadeiro nem direito efectivo, quer de reunião para a catequese, quer de formação dos catequistas, quer ainda de tempo, lugares, livros e materiais didácticos necessários.

Esta, uma situação dolorosa que deve ser assumida por toda a Igreja. Nenhum poder existe no mundo que tenha o direito de impedir as pessoas de procurarem a verdade, de livremente a acolherem, de a conhecerem em plenitude e de a professarem livre e abertamente. A Igreja, ao reivindicar o direito de catequizar, defende uma liberdade fundamental do homem.

A complexidade da acção catequética

5. O mesmo sentido realista leva-nos a considerar a complexidade da acção catequética:

— A diversidade de culturas cria um grande pluralismo de situações à catequese. Como disse o Concílio Vaticano II e o Papa Paulo VI recordou na sua Exortação Apostólica «*Evangelii Nuntiandi*», a mensagem evangélica deve enraizar-se na cultura humana, assumi-la e transformá-la. Neste sentido pode dizer-se que a catequese é instrumento de «aculturação». Isto significa que ela desenvolve e simultaneamente ilumina do interior as formas de vida daqueles a quem se dirige. A fé cristã, graças à catequese, deve encarar-se nas diferentes culturas. Uma verdadeira «encarnação» da fé através da catequese supõe não só um processo de dar mas também de receber;

— As novas técnicas originam diversas categorias de valores, propõe-nas indistintamente, afectam em profundidade e alteram as relações humanas. Provocam a interpenetração das culturas, a difusão dos estilos de vida e das maneiras de pensar. Por isso mudam os modos de expressão, a linguagem e o comportamento humano. Os jovens constituem precisamente um significativo lugar de ruptura cultural, em relação às gerações precedentes. A catequese não será eficaz dentro destas transformações, se não conseguir transmitir a mensagem que lhe está confiada na linguagem dos homens do nosso tempo.

As exigências e os limites da catequese actual

6. Para corresponder às exigências do nosso tempo, a catequese deve não só prosseguir a renovação já iniciada mas também desenvolvê-la com equilíbrio. Igualmente perigosas são a rotina que rejeita qualquer mudança e a improvisação inconsiderada que se lança em temerárias tentativas. As deficiências que nascem e se verificam na catequese provem frequentemente desta falta de realismo que é ao mesmo tempo uma infidelidade ao Evangelho e ao homem: trata-se, com efeito, da catequese no nosso tempo. Por conseguinte, o Sínodo exorta as comunidades cristãs a que renovem a catequese, que é essencialmente o anúncio do Evangelho, a Boa Nova da Salvação. Mas isto deve fazer-se mediante um realismo que garanta à catequese a fidelidade e a ausência profundidade em todos os seus aspectos.

II Parte

A Catequese como manifestação da salvação em Cristo

A catequese tem o centro no mistério de Cristo

7. A Igreja de proclama que é portadora de uma mensagem de salvação destinada a todos os homens. É seu dever anunciar e realizar na Terra a salvação em Cristo. Trata-se, portanto, de uma missão de evangelização. A catequese é um aspecto dessa missão. Visa o mistério de Cristo, como seu centro. Cristo, verdadeiro Deus e homem, e a sua obra de salvação realizada pela encarnação, vida, morte e ressurreição, devem ser o coração do anúncio. Jesus Cristo, enquanto fundamento da nossa fé e fonte da nossa vida. Toda a história da salvação tende para Cristo. Na catequese procuramos compreender e experimentar o quanto Cristo é importante para a nossa vida quotidiana. Cabe à catequese proclamar como Deus Pai nos reconciliou consigo pelo Seu Filho Jesus Cristo e como o Espírito Santo nos dirige. Enquanto transmissão deste mistério, a catequese é Palavra viva, simultaneamente fiel a Deus e ao Homem.

Em conformidade com o que se diz na Exortação Apostólica «*Evangelii Nuntiandi*», o Sínodo recorda os seguintes aspectos:

- A catequese é Palavra;
- A catequese é memória;
- A catequese é Testemunho.

A catequese é Palavra

8. Este é um dos primeiros aspectos da missão da Igreja: ela fala, anuncia, ensina, comunica com os outros. Tudo isto resume uma única acção, que tem por fim dar a conhecer no Espírito o Mistério de Deus Salvador: «A vida eterna consiste em que te conheçam a ti, um só Deus, e a Jesus Cristo que enviaste» (Jo. 17.3). Tal conhecimento não se equipara a qualquer forma de saber. É conhecimento do mistério, conhecimento segundo o Espírito, compreensão orgânica do mistério de Cristo ao Qual se refere como a seu centro. Não é sistema, abstracção ou ideologia.

A catequese nasce da profissão de fé e conduz à profissão de fé. Faz com que a comunidade de crentes proclame Jesus, Filho de Deus, Cristo, está vivo e é o Salvador.

Por isso, o modelo da catequese é o catecumenato baptismal, formação particular em que o adulto convertido à fé se prepara para a profissão da fé baptismal na vigília pascal. Durante essa preparação os catecúmenos recebem o Evangelho (a Sagrada Escritura) e a sua expressão eclesial é o Símbolo da Fé.

A catequese pode assumir muitas outras formas (pregação, ensino religiosos nas escolas, emissões de rádio ou de televisão) correspondentes aos modos de comunicação e de ensino de determinada época histórica.

De qualquer maneira, é necessário definir os critérios segundo os quais uma determinada forma de palavra é realmente catequética. Nem todo o ensino, ainda que de conteúdo religioso, é de si catequese eclesial. Por outro lado, certas palavras que atingem o homem na sua situação concreta existencial e o movem ao encontro de Cristo, podem tornar-se palavras catecumenais. Essas palavras devem fundamentalmente transmitir o essencial e a substancia vital do anúncio evangélico, que nunca é licito mudar nem silenciar (cf. «Evangelii Nuntiandi», n.º 25).

Esta substancia vital, transmitida integralmente pelo Símbolo da Fé, comunica o núcleo do mistério de Deus uno e trino, como nos foi revelado no mistério do Filho de Deus Encarnado e Salvador, sempre vivo na sua Igreja.

Para discernir, quer a fidelidade a transmissão integral do anúncio evangélico, quer a forma catequética autêntica das expressões em que a fé se transmite, é necessário atender respeitosamente ao ministério magisterial e pastoral da Igreja.

A catequese é memória

9. Este é outro aspecto importante da acção da Igreja: ela recorda, comemora, celebra acções sagradas em memória do Senhor Jesus, realiza a «anamnese».

Com este efeito, a Palavra e acção da comunidade eclesial só tem força enquanto são hoje palavra e acção que manifestam o Senhor Jesus e unem a Cristo. Assim, a catequese liga-se a toda a acção sacramental e litúrgica.

A catequese é para nós a manifestação do mistério desde sempre escondido em Deus (cf. Col. 1,26). Por isso, a primeira linguagem da catequese é a Sagrada Escritura e o Símbolo. Pode dizer-se, nesta perspectiva, que a catequese é uma introdução autêntica à lectio divina, isto é, à leitura da Sagrada Escritura, mas «segundo o Espírito» que habita na Igreja e que opera, quer nos ministérios apostólicos, quer nos fieis. A Sagrada Escritura permite que os cristãos falem uma linguagem comum. É normal que, durante a sua formação, eles possam memorizar alguns passos da Bíblia, sobretudo do Novo Testamento, bem como algumas fórmulas litúrgicas que são a expressão privilegiada, e ainda outras orações comuns.

De igual modo, o crente aceita as fórmulas de fé, elaboradas pela reflexão viva dos cristãos através de séculos, que se encontram reunidas nos Símbolos e nos principais documentos da Igreja. Ser cristão equivale a entrar na tradição viva que, através da história dos homens, revela como o Verbo de Deus em Jesus Cristo assumiu a natureza humana.

A catequese é, por último, a «a transmissão dos documentos da fé». Os temas que escolhe e a maneira como os desenvolve devem corresponder à autêntica fidelidade a Deus e ao homem em Jesus Cristo.

A catequese é testemunho

10. A Palavra enraizada na tradição viva é, deste modo, uma Palavra viva para o nosso tempo. Expressões como: afirmação da fé, compromisso, «aculturação», acção eclesial, vida espiritual, oração pessoal, e litúrgica, santidade, traduzem numa mesma realidade, isto é, testemunho.

A comunidade dos crentes é uma comunidade constituída por homens a viver o dia de hoje e que se realiza a história da salvação. A salvação de que a comunidade é portadora oferece aos homens

deste tempo a libertação do pecado, da violência, da injustiça e do egoísmo. Assim se realizam as palavras de Jesus: «A verdade libertar-vos-á» (Jo. 8.32).

Eis por que a catequese nunca se pode dissociar do compromisso de vida reflectido e efectivo: «Não são os que dizem Senhor, Senhor...» (Mt. 7.21). Este compromisso pode assumir várias formas, quer individuais quer colectivas. Na expressão tradicional, ele é a «sequela Christi».

Daqui deriva que o ensino da doutrina moral, isto é, da «Lei de Cristo», tenha o seu lugar na catequese. É necessário afirmar ambiguidade haver leis e princípios morais que devem ser expostos na catequese e que a doutrina moral do Evangelho tem um carácter particular que supera de longe as simples exigências da ética natural. De facto, a lei de Cristo ou lei do amor está escrita nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (cf. Rom. 5.5; Jo. 31.34).

Por outro lado, a catequese, enquanto testemunho, educa o cristão fazendo que se integre plenamente na comunidade dos discípulos de Cristo que é a Igreja, assuma toda a realidade da condição de graça e de pecado deste povo crente que peregrina na Terra, e se abra aos sentimentos de solidariedade fraterna que todo o cristão deve manter na sua vida para com aqueles, crentes ou não, que partilham a comum sorte da família humana. Assim constitui a comunidade eclesial como sacramento universal de salvação.

Esta doutrina moral não é apenas individual, mas deve apresentar também a dimensão social da mensagem evangélica. Hoje uma das principais funções da catequese consiste em permitir e suscitar novas formas de compromisso consciente e eficaz, sobretudo no campo da justiça.

Deste modo, da experiência dos cristãos surgirão novas formas de vida evangélica, que, pela graça de Cristo, hão-de produzir novos frutos de santidade.

O carácter particular da pedagogia da fé

11. Em toda a catequese integral é preciso associar de maneira indissolúvel o conhecimento da Palavra de Deus, a celebração da fé nos sacramentos e a confissão da fé na vida quotidiana.

A pedagogia da fé possui, pois, um carácter particular: é encontro com a pessoa de Cristo, conversão do coração, experiência do Espírito na comunidade eclesial.

III Parte

A catequese é obra de todos na igreja

Corresponsabilidade

12. A catequese é de importância vital para toda a Igreja. Diz respeito a todos e cada um dos fiéis segundo a sua condição de vida e os seus dons e carismas particulares. Todos os cristãos, em virtude do sacramento do baptismo e da confirmação, são chamados a anunciar o Evangelho e preocupar-se com a fé dos irmãos em Cristo, sobretudo crianças e jovens, o que por vezes dá lugar, por diversas razões, a tensões e divergências. O Sínodo exorta, pois os cristãos a que superem eventuais dificuldades e promovam sempre a corresponsabilidade de todos. Para tal, o Sínodo sublinha alguns aspectos, que, em seguida, se descrevem mais em pormenor.

A comunidade cristã

13. a) A comunidade cristã constitui o lugar ou o quadro habitual da catequese. A catequese não é uma função meramente individual, mas deve realizar-se sempre na dimensão da comunidade cristã.

As formas de comunidade evoluem no nosso tempo. Além de comunidades tais como família, primeira comunidade em que o homem se educa, a paróquia, onde normalmente a comunidade cristã se realiza, ou a escola, comunidade consagrada à educação, surgem hoje muitas outras comunidades, entre as quais as pequenas comunidades eclesiais, as associações, os grupos de jovens, etc.

Estas novas comunidades oferecem novas possibilidades à Igreja: podem ser, de facto, um fermento na massa e no mundo em transformação; contribuem a unidade da Igreja; devem ser sinal de caridade mútua e de comunhão. A catequese pode encontrar nelas novos lugares de realização, dado aí os membros da comunidade anunciam reciprocamente o mistério de Cristo. Ao mesmo tempo a catequese apresenta o mistério da Igreja, Povo de Deus e Corpo de Místico de Cristo, no qual os múltiplos grupos e comunidades se reúnem em Deus e entre si.

O Bispo e outros agentes da catequese

14. b) O Bispo na sua Igreja local tem a principal responsabilidade da catequese. Além de coordenar a actividade de quantos na sua igreja particular trabalham na catequese, deve ser ele próprio empenhar-se directamente na acção catequética. Em união com ele, cada um segundo a sua função colabora no ministério catequético. Ninguém isoladamente pode desempenhar missão de catequizar, que exige a mobilização de muitas energias. Cada um segundo o seu múnus e carisma contribui para o cumprimento da mesma missão; os Bispos com os seus sacerdotes, os diáconos, os pais, os catequistas, os mestres, os animadores das comunidades cristãs. No exercício desta missão, as pessoas consagradas podem e devem, por títulos diversos, oferecer um contributo inestimável à Igreja.

Em muitas nações os catequistas, ao lado dos sacerdotes, participam na condução das comunidades cristãs. Unidos ao Bispo, assumem a responsabilidade de transmitir a fé.

O Sínodo reafirma a importância desta missão e deseja que os catequistas encontrem a benevolência e o auxílio de que necessitam. O Sínodo pede que os ministérios ou funções catequéticas não sejam assumidas sem uma formação prévia adequada, correspondente à dupla dimensão da catequese: fidelidade a Deus e ao homem. Isto implica, quer na formação no campo das ciências sagradas, quer aqueles conhecimentos acerca do homem que são necessários nas diversas nações ou ambientes e fazem parte das ciências humanas.

A catequese na sociedade pluralista

15. c) O mundo contemporâneo caracteriza-se pela diversidade. É constituído por povos com as mais diferentes visões do mundo, princípios éticos, sistemas sociais e políticos. É igualmente pluralista sob o aspecto religioso.

A catequese deve tornar os cristãos capazes de se situarem nesta diversidade e pluralismo. Para atingir tal objectivo, deve educá-los no sentido da sua identidade específica de baptizados, de crentes e membros da Igreja. Deve, além disso, sensibilizá-los para um diálogo que seja ao mesmo tempo respeitoso para com os outros e extremamente exigente para com a verdade.

A formação ecuménica deve oferecer aos que pertencem à Igreja Católica Romana ocasião de compreenderem melhor os cristãos de outras Igrejas e comunidade eclesiais, bem como prepará-los para o diálogo com eles e num estabelecimento de relações fraternas. A realização de catequeses comuns, onde os Pastores as considerem necessárias, deve ser integrada por uma completa e específica catequese católica, que evite os perigos do indiferentismo religioso.

No que se refere a outras religiões, que os cristãos cada vez com maior frequência encontram no seu caminho, a catequese deve favorecer uma atitude de respeito e compreensão e desenvolver em espírito de escuta e de discernimento das «semina Verbi» nelas latentes. Para que os jovens possam tirar algum fruto do conhecimento das religiões não cristãs e, sobretudo, das diversas concepções materialistas, é necessário que, guiados pelos Pastores, recebam uma preparação muito séria sobre a doutrina católica e se entreguem ao exercício da oração e da vida cristã. Preparados desta maneira, poderão não só respeitar os que não convivem com eles a sua fé em Cristo, mas também oferecer-lhes o testemunho dessa mesma fé.

A catequese cristã face às hodiernas tendências materialistas

16. Perante a tendência ao materialismo, ao secularismo e ao ateísmo, ou a certas formas de humanismo totalitário que esmagam a dimensão humana da pessoa, a catequese deve radicar-se na visão cristã do homem e do mundo. A «Apologética», ou seja, um certo confronto crítico ajustado às formas do pensamento contemporâneo, poderão fazer ressaltar os fundamentos racionais desta visão das coisas.

Na situação de diversidades e pluralismo, o cristão não deve temer: com o auxílio da graça do Espírito Santo, ele pode ser, segundo a palavra do Apóstolo, forte na fé. A autêntica abertura de alma supõe e exige a consciência bem formada da própria identidade. A identidade cristã, por sua vez, implica testemunho e missão.

A dimensão missionária da catequese

17. A catequese é sempre missionária. De facto, ela conduz à preocupação por outras comunidades que vivem em ambientes diversos e abre o espírito ao bem da Igreja Universal, favorecendo o aparecimento de vocações missionárias. Ao mesmo tempo, desenvolve a atitude de respeito para com o

testemunho do cristão perante eles, a começar por um empenho cada vez mais profundo na edificação da comunidade eclesial.

Conclusão

18. Depois de vos termos falado do trabalho que durante estes dias realizamos junto da Cátedra de Pedro, em união e comunhão com o Papa Paulo VI, queremos agradecer a Deus de Quem procedem todos os bens (cf. Tiag. 1.17) e a Quem consagramos a vida; a Deus que não cessou de nos assistir com os Espírito de seu filho e nos deixou ver, contemplar e experimentar as maravilhas do seu amor; a Deus que do fundo do coração desejamos ameis acima de todas as coisas.

Agradecemos, seguidamente, a todos os que connosco consagram as suas energias ao ministério catequético. Pensamos nos presbíteros, cooperadores do nosso ministério apostólico e tão intimamente ligados a nós por força do sacramento da Ordem; pensamos nos que vivem consagrados a Deus, quer em comunidades religiosas quer no mundo, e de novo lhes afirmamos a nossa esperança na grande fecundidade espiritual para a sociedade de uma vida vivida segundo o espírito das bem-aventuranças (cf. Lumen Gentium, n.º 42); pensamos naqueles a quem especificamente chamamos catequistas. São muitíssimos, homens, mulheres, jovens e também crianças, os que decidam o seu tempo – geralmente sem nenhuma recompensa material – a uma obra tão grande como a de constituir o Reino de Deus. Cheios da verdadeira caridade procuram edificar Cristo no coração dos homens e esforçam-se por que Ele atinja aí a sua plenitude. Pensamos ainda nos pais que desde a primeira infância educam os filhos no conhecimento de Jesus Cristo e no temor e amor de Deus e conservem vivo no coração dos filhos a fé recebida no Baptismo e ratificada pela confirmação, alimentando-a de tal modo que dê constantemente frutos de vida eterna. Pensamos também em tantas nossas comunidades fraternas entregues á oração, pobres, que oferecem ao mundo dominado pelo egoísmo individualista um precisos testemunho de via.

Nós, os Bispos, reunidos de toda a parte neste Sínodo, depois de termos ouvido as Igrejas do mundo inteiro e de termos tomado consciência da importância da catequese a que devemos atribuir prioridade na nossa acção pastoral, da Colina do Vaticano junto do túmulo de Pedro, pensando em todos vós e perante o Sumo Pontífice Paulo VI, proclamamos solenemente aceitar o doce encargo de consagrar todas as nossa forças à actividade Catequética, tal como à evangelização, confiantes na graça do Espírito Santo que poderá produzir frutos de santidade tanto mais abundantes quanto mais a vossa fé através da educação chegar à sua maturidade. Prevêem-se ainda muitas dificuldades as o futuro pertence aos crentes, porque a esperança não engana (cf. Rom. 5.5)

Que a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja, ouvinte atenta da Palavra do Senhor, nos conceda levar bom termo os nossos propósitos a que a fé salvífica de Cristo seja fermento, sal, luz e verdadeira vida para o mundo inteiro; ela que, fervorosa discípula de Seu Filho, «conservava todas estas palavras e as meditava no seu coração» (Lc. 2.19).